
DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ed. UFRJ, 1993, 162 p.

Um sulco na terra ou vestígios num castelo fortificado são mais reais e portanto, mais necessários, à compreensão dos povos da Idade Média, que o poema de um trovador ou o sonho de um cavaleiro? Para Georges Duby, a resposta é um peremptório NÃO. Encontra-se por trás dessa recusa em privilegiar as fontes "materiais" e a estas subordinar as fontes "ideais", uma concepção de história que se contrapõe à herança positivista e seus anseios de construção de uma história objetiva.

Parte da história dessa recusa, que é a própria afirmação da *Nouvelle Histoire*, escola histórica francesa iniciada com os *Annales* de Lucien Febvre, nos anos 30, encontra-se nesse *A História Continua*, de Duby, um dos nomes de relevo dessa corrente. O livro constitui-se, na verdade, um ensaio de ego-história, traçando Duby o seu itinerário intelectual: de professor "agregé" num Liceu de Província, na década de 40, até os dias atuais com os seus últimos projetos, como a pesquisa que desenvolve com Michelle Perrot sobre a mulher na história.

Ao revelar os acontecimentos mais significativos de sua vida intelectual: leituras, influências, debilidades, paixões - como a arte -, viagens e honrarias, Duby vai delineando, ao mesmo tempo, um quadro sucinto, embora não superficial, da sua disciplina nos últimos cinquenta anos na França. Tem-se, ao final, o testemunho de formação de um pesquisador, cujos passos confundem-se com o percurso de um dos mais importantes movimentos da historiografia no século XX. E aqui, reconheça-se, o Duby é exitoso em comunicar com suavidade esse entrelaçamento, sem falsas modéstias ou arroubos de vaidade.

Geógrafo de formação, Duby "se converte" posteriormente à História, e decide-se pela História Medieval, sendo muito influenciado nesta escolha pelo *La Société Féodale* de Marc Bloch. Inicia-se na pesquisa pelos arquivos de uma das mais antigas abadias francesas, a de Cluny, seguindo indicações de Charles Edmond Perrin, seu orientador no Curso de Doutorado da Faculdade de Letras. Duby relata todo o processo de elaboração de sua tese: da escolha do tema à defesa da mesma. Nesse percurso vai tecendo considerações valiosas, mormente para os iniciantes, acerca das exigências de um trabalho intelectual desse porte. São sete capítulos (quase meio livro) sobre sete anos de rigorosa autodisciplina, isolamento, caixas e caixas de fichas de leitura e o princípio de construção de um olhar particular sobre a história e o ofício de escrevê-la.

A propósito, seria Duby marxista? A essa pergunta inúmeras vezes feita, ele responde: "não acredito na objetividade do historiador, ou que seja possível distin-

guir em última instância o mais determinante dos fatores dos quais deriva as sociedades humanas" (p.80). Afirma não ser materialista e que costuma desconfiar das teorias. Professa que, diante dos materiais, aquele "que interroga deveria abordá-los livre de qualquer idéia preconcebida" (p.79). Sendo tanta liberdade inacessível, o caminho estaria em servir-se das teorias "em total liberdade, como ferramentas como outras quaisquer" (p.80). Assim define o seu trabalho enquanto pesquisador.

Como historiador reconhece-se tributário de Lucien Febvre. Um intelectual, segundo ele, que não obteve o reconhecimento merecido, mas cuja influência foi fundamental na definição do caminho que ele, Duby, escolheu: "Febvre exortava-nos a escrever a história das sensibilidades, dos odores, dos temores, dos sistemas de valores, e seu **Rabelais** demonstrava magnificamente que cada época tem sua própria visão de mundo, que as maneiras de sentir e pensar variam com o tempo e que, em consequência o historiador é solicitado a se precaver o quanto puder das suas, sob pena de nada compreender. Febvre propunha-nos um novo objeto de estudo, as 'mentalidades'. Era o termo que utilizava. Pois nós o retomamos" (p.87-88).

Os encontros com Marc Bloch, Lucien Febvre, Charles - Edmond Perrin e a elaboração da tese doutoral são acontecimentos marcantes na primeira etapa da sua trajetória científica. Sobre esta última, Duby considera o período de sua construção imprescindível ao seu trabalho posterior como pesquisador, o que fá-lo um entusiasta da tese de doutoral. Não, no entanto, da Universidade no seu presente estágio. A Universidade Francesa na sua opinião constitui-se num dos redutos mais conservadores e autoritários da Europa. O ritual de defesa de tese é um exemplo disso. Duby o classifica como "dos mais cruéis" (p.63), por submeter o candidato a juizes empenhados "em brilhar diante do público" (ibidem) às custas do mesmo.

Não obstante tal constatação, Duby não questiona a necessidade da hierarquia universitária. A Universidade, para ele, excetuando-se os seus excessos, melhor dizendo, as demonstrações relegáveis de poder, não se sustenta sem Hierarquia, até porque "não existe pedagogia sem hierarquia" (p.154). Essa afirmação, capaz de acirrar os ânimos dos defensores de uma pedagogia não-diretiva ou libertária, traz no seu bojo a defesa da necessidade de uma elite intelectual que teria na Universidade o seu lugar tanto de formação quanto de manutenção e elevação do "nível cultural geral no conjunto da população" (p.153).

O alcance dessa meta exige a conciliação da "indispensável democratização à indispensável seleção" (ibidem). A Universidade, portanto, não pode se abrir a qualquer um, como chama a atenção, ocorreu nos anos sessenta. Essa é uma forma, segundo Duby, de impedir que a Universidade seja tomada por um estado geral de torpor, ameaça que a espreita já há algumas décadas.

Se a Universidade, para Duby, não é um lugar para todos, a disciplina na qual é mestre, é um negócio para todos. O isolamento que defende como aspecto fundamental na sua formação de pesquisador, não o confinou numa escrita crescentemente acadêmica e portanto, inacessível ao público em geral. Ao lado de obras dirigidas a especialistas, escreveu outras tantas, de igual fôlego, destinada ao grande

1 - RESENHA

público. Nessas, seu exercício, como também o de outros intelectuais, contribuiu para o boom editorial dos livros de História na França, trinta anos atrás. A receptividade junto ao público acabou por levá-lo à televisão, onde participou como roteirista de documentários baseados em obras suas. Mas Duby não encara sem inquietação essa acolhida do grande público, considera-a mesmo perigosa se os intelectuais, transformados em estrelas pelas editoras, se inclinam "a satisfazê-lo" (p.128).

Por fim, em *A História Continua*, Duby, que deixa claro ser um historiador que faz as devidas distinções entre história e romance, mas que emprega "cada vez mais a palavra 'eu'" (p.62) em seus livros, afirma que o historiador ao escrever a história está, na realidade, anunciando o seu próprio sonho possibilidade até então restrita aos fazedores de arte. É um alento, perceber que as fronteiras se esvaem.

Lêda Dantas
Professora do Departamento de Fundamentos
Sócio-Filosóficos da Educação Centro de Educação
UFPE.